

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA FOUCAULTIANA: DA ARQUEOLOGIA DO SABER À ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

SOME CONSIDERATIONS ABOUT FOUCAULTIAN PHILOSOPHY: FROM THE ARCHEOLOGY OF KNOWLEDGE TO THE AESTHETICS OF EXISTENCE*

BRUNO ARAÚJO ALENCAR**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, BRASIL

HERALDO APARECIDO SILVA***
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, BRASIL

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a filosofia de Michel Foucault (1926-1984), correlacionando seu pensamento a partir de Heidegger e Nietzsche, para consequente, compreender os seus momentos filosóficos (domínios). Nesse sentido, inicialmente observaremos a filosofia foucaultiana amparada nos dois filósofos alemães já mencionados, com o objetivo de entender como o filósofo francês conseguiu a base para seu pensamento em se tratando da verdade e do poder, em Nietzsche e sobre o sujeito e a constituição de si, em Heidegger. Depois, partiremos para uma análise de seus domínios: *Arqueologia do Saber*, *Genealogia do Poder* e *Estética da Existência*, que será possível analisar como Foucault nos faz perceber, através de uma rede de discursos e enunciados propostos para os sujeitos, uma ordem de normatividade moral, gerando assujeitamentos invisíveis, sem que ao menos pudéssemos perceber, e de como poderíamos conseguir fugir, via de regra, desse processo austero, por meio de uma arte de si para consigo. Nosso trabalho conta com o aporte teórico de: Foucault (1984; 2010; 2017), Nietzsche (2001), Heidegger (2012), entre outros. A presente proposta mostra como a filosofia foucaultiana foi constituída ao longo de sua vida e de como continua sendo importante para o entendimento filosófico acerca das formas de saber, poder e constituição dos sujeitos, da antiguidade à modernidade.

Palavras-chave: Heidegger. Nietzsche. Foucault. Domínios. Filosofia.

Abstract: This work aims to present the philosophy of Michel Foucault (1926-1984), correlating his thinking from Heidegger and Nietzsche, in order to understand his

* Artigo recebido em 16/06/2020 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/07/2020.

** Mestrando em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1826-0826>. E-mail: araujo_331@hotmail.com.

*** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5533-0726>. E-mail: heraldokf@yahoo.com.br.

philosophical moments (domains). In this sense, we will initially observe the Foucauldian philosophy supported by the two German philosophers already mentioned, in order to understand how the French philosopher got the basis for his thinking when it came to truth and power, in Nietzsche and about the subject and the constitution of itself, in Heidegger. Then, we will proceed to an analysis of their domains: Archeology of Knowledge, Genealogy of Power and Aesthetics of Existence, which will be possible to analyze how Foucault makes us perceive, through a network of speeches and statements proposed for the subjects, an order of moral normativity, generating invisible subjections, without us even being able to perceive, and how we could manage to escape, as a rule, from this austere process, through an art of itself towards itself. Our work has the theoretical contribution of: Foucault (1984; 2010; 2017), Nietzsche (2001), Heidegger (2012), among others. The present proposal shows how Foucault's philosophy was constituted throughout his life and how it continues to be important for the philosophical understanding about the forms of knowledge, power and constitution of subjects, from antiquity to modernity.

Keywords: Heidegger. Nietzsche. Foucault. Domains. Philosophy.

1. Introdução

Michel Foucault é um filósofo contemporâneo mundialmente conhecido, fato este, perceptível ao modo como seu pensamento faz alusão à uma análise minuciosa da realidade, que é voltada a uma forma de investigação em sentido de perceber uma tentativa de aspectos relacionados a ordem do *Saber-Poder* obterem o controle sobre as ações dos sujeitos, mostrando, como os sujeitos foram moldados por mecanismos de dominação ao longo dos tempos dentro de sociedades, sem pelo menos, notar tal efeito, permitindo facilmente a ascensão de processos de assujeitamentos, e de como poderiam fugir, em contraponto a esses conjuntos de normativas, por meio da *constituição de si*.

Na primeira seção, iremos evidenciar o devir do filósofo francês. Muitos perguntam de onde Foucault conseguiu subsídios para a sua filosofia, pois bem, durante a sequência das seções, será perceptível compreender que a sua filosofia, herda, necessariamente, um pressuposto genealógico da moral, assim como da verdade, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), na ordem de descobrimento de ações, em forma de poder, que molda os corpos dos sujeitos, por meio de *jogos de verdade* (FOUCAULT, 2015), que causam a docilização de condutas, o que, consequentemente, não permitirá o cuidado consigo mesmo, nas palavras de Foucault (2010).

Porém, como o próprio Michel Foucault relata, Nietzsche sozinho não favoreceu todos os pressupostos para a sua filosofia, foi um outro filósofo alemão, Martin Heidegger

(1889-1976), que possibilitou a compreensão do quão a filosofia era importante para a constituição do sujeito, fazendo-o perceber como o ser é permeado por um rigoroso sistema de normas, durante um longo percurso histórico e de como poderia libertar-se dessa maneira de ser concebido e persuadido, tornando-se um *Dasein* (HEIDEGGER, 2012), isto é, não admitir seu papel social pré-estabelecido, mas sim, o que poderia vir a ser, com base em sua própria constituição, como uma obra de arte, por meio de uma conduta particular de si para consigo.

Diante o exposto, na segunda seção, prosseguiremos com o intitulado primeiro domínio de Michel Foucault: *Arqueologia do Saber*. A partir daí, o filósofo francês se dedica a um estudo astucioso sobre a constituição dos saberes ao longo dos tempos. Durante sua pesquisa, Michel Foucault se dedica a um estudo rigoroso, estabelecido por um conjunto de discursos e enunciados construídos para estabelecer as relações entre dominantes e dominados. Essa abordagem, foi permissível com base numa estratégia *saber-poder*, isto é, Foucault desenvolve a sua *Genealogia do Poder* com base na questão anterior, sobre o surgimento dos saberes, tornando perceptível observar como o sujeito foi constituído ao longo dos tempos, a partir do momento em que foi submetido pelas estratégias de poder, enquanto padrão a ser seguido, através de um conjunto de *dispositivos de controle* (técnicas que o poder se utiliza para moldar condutas desejáveis), que acaba tornando possível tantos assujeitamentos, às vezes, imperceptíveis aos olhos de qualquer sujeito, mas não para a análise de Michel Foucault.

Por último, o domínio a ser discutido será a *Estética da Existência*, que mostrará como Foucault articula um conjunto de regras de ordem do *saber-poder*, que molda e dociliza os corpos e de como o sujeito poderia constituir-se livremente, a partir de um cuidado de si para consigo, em contrapartida à essas normatividades, mediante uma técnica espiritual consigo mesmo, obtendo o *epiméleia heautoû* (o cuidado de si), pois somente assim poderá constituir a si mesmo por meio de práticas de si, isto é, adquirir, por meio de exercícios espirituais, práticas de si, com o auxílio de um mestre, que exerce o papel de diretor da consciência, em contrapartida a esses *dispositivos de controle* interpostos pelo poder.

Diante o exposto, falar da filosofia de Paul-Michel Foucault requer um olhar holístico, sobre muitos aspectos filosóficos, que surgiram desde a antiguidade até a contemporaneidade. Porém, por critério de delimitação temática, já que a pesquisa suscita em apenas apresentar o pensamento de Foucault, nos atentaremos somente a alguns, dos pontos mais estudados pelo filósofo francês.

2. Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche: a filosofia por trás de Michel Foucault

Para tecer algumas considerações sobre o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), é necessário contextualizar um importante processo investigativo através de seu alicerce filosófico, que o conduziu, conseqüentemente, para seu pensamento. Primeiramente, é necessário correlacionar à sua maneira de fazer filosofia com a de seus antecessores, tanto Martin Heidegger (1889-1976), quanto Friedrich Nietzsche (1844-1900), tiveram suas devidas contribuições para Foucault (FOUCAULT, 2010b). A partir de agora, faremos um paralelo, que terá o objetivo de evidenciar, como, a figura dos filósofos alemães tiveram tanto impacto na vida do filósofo francês (DUARTE, 2002).

Faz-se necessário, antes, observar algumas questões que o próprio Foucault menciona durante seus famosos cursos, no *Collège de France*, aos quais, somam um conjunto de textos que corroboram para o entendimento de algumas temáticas, como por exemplo, a constituição do sujeito moderno, isto é, sobre como concebe o processo sujeições que acaba gerando inúmeros *dispositivos de controle* (FOUCAULT, 2014), até a maneira do sujeito constituir-se livremente, indo em desencontro a esse conjunto de normativas, por meio do cuidado de si (FOUCAULT, 2010).

Nesse sentido, para criar atitudes com base em um exercício de si para consigo (FOUCAULT, 2010), dentro de um dado conjunto de normas de uma sociedade (FOUCAULT, 2017), que é abordada, no seu devir filosófico, far-se-á necessário correlacionar os pressupostos do *ser* e do mundo (HEIDEGGER, 2012), bem como alguns embasamentos sobre a moral e a verdade para o sujeito (NIETZSCHE, 2001), realizando uma espécie de análise, a partir da antiguidade.

De acordo com Foucault, na elaboração final da problemática da origem, a fonte do ser do homem inatingível, e sua verdade pode apenas ser apreendida pelo aprofundamento e pelo fracasso da busca de alguma fonte. Aqui “(...) é traçada a experiência de Hölderlin, de Nietzsche e de Heidegger, para quem o retorno só se dá no extremo recuo da origem ...” [...] (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 45)

Em meio às pesquisas realizadas, torna-se perceptível que o próprio Foucault, exime-se de falar, às vezes, que tenha sido influenciado por Heidegger e Nietzsche. Porém,

diante as leituras acerca da procura por evidências, inúmeros comentadores fazem essa menção, evidenciando o quão esse modo de escrita se torna clara, tais como: Duarte (2002), Dreyfus e Rabinow (1995) e Muchail (2011).

Heidegger sempre foi para mim o filósofo essencial. Todo meu futuro filosófico foi determinado por minha leitura em Heidegger. (...) Meu conhecimento de Nietzsche é bem melhor do que o que tenho de Heidegger; entretanto, foram estas as minhas duas experiências fundamentais. É provável que, se eu não tivesse lido Heidegger, eu não teria lido Nietzsche. Tinha tentado ler Nietzsche nos anos cinqüenta, mas Nietzsche sozinho não me dizia nada! Ao passo que Nietzsche e Heidegger, este foi o choque filosófico! Mas nunca escrevi nada sobre Heidegger e Nietzsche, escrevi apenas um pequeno texto; no entanto, este são os dois autores que eu mais li. (FOUCAULT apud DUARTE, 2002, p.50)

A influência de Martin Heidegger para o pensamento de Michel Foucault, certamente, pode estar implícito ou às vezes, explícito, contida nos textos de Foucault de forma bastante similar, às vezes, sem deixar rastros que tenha lido a visão ontológica (do ser) do outro, já algumas, exacerbadamente evidentes, como por exemplo, em à obra *L'herméneutique du sujet* (A hermenêutica do sujeito) de 1981-1982, de Foucault, que procura a síntese para o cuidado com o sujeito moderno a partir de um olhar de si para consigo “[...] nos vemos melhor quando o espelho é mais luminoso que nosso próprio olho [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 65) e *Sein und Zeit* (Ser e tempo) de 1927 de Heidegger, que sinaliza: “[...] A-gente também não é algo como um "sujeito universal" a flutuar sobre muitos outros. [...]” (HEIDEGGER, 2012, p.369). A questão que deixa todos os leitores à mercê de uma indagação sobre a existência do conhecimento de Michel Foucault em Heidegger, será posta em questão durante a discussão desta seção, na qual o próprio Foucault aborda em uma de suas obras:

Fiquei surpreso quando dois dos meus amigos de Berkeley escreveram, em seu livro, que eu tinha sido influenciado por Heidegger. Certamente é verdade, mas ninguém na França havia apontado. Nos anos 50, quando eu era estudante, lia Husserl, Sartre, Merleau-Ponty. Quando uma influência se faz sentir com muita intensidade, procura-se abrir uma janela. Heidegger – e isso é bastante paradoxal – não é, para um francês, um autor muito fácil de compreender. O fato de cada palavra ser um enigma não é condição muito ruim para se compreender Heidegger. *Ser e tempo* é um livro difícil, mas os textos mais recentes são menos enigmáticos. (FOUCAULT, 2010b, p. 297)

Desse modo, primeiramente é necessário contextualizar o sujeito enquanto um ser inserido em um processo formativo rigoroso, que está à mercê das relações de saber-poder (a qual discutiremos mais à frente), logo, Foucault (2010) ressalta a importância do desenvolvimento de uma *espiritualidade* do sujeito consigo mesmo (temática que será abordada dentro do domínio da estética da existência), e, somente assim, poderá se tornar um sujeito livre, em contraponto a uma severa docilização dos corpos, que molda-os com base em uma rigorosa normatividade, estabelecida pelo poder.

[...] “espiritualidade” significa que a verdade jamais é plenamente dada ao sujeito; ou melhor, o sujeito não tem a capacidade de alcançá-la no estrito ato do conhecimento; é preciso que ele se altere, converta-se, torne-se “outro” para que a verdade o alcance. (MUCHAIL, 2011, p. 91)

Assim, fidedignamente, para Heidegger, o ser articula uma maneira astuciosa de pensar uma forma constituinte do seu eu, sem a base metafísica, uma vez que para ele “A metafísica permanece na primeira instância da filosofia. Não alcança, porém, a primeira instância do pensamento.” (HEIDEGGER apud MUCHAIL, 2011, p. 95).

Para Heidegger, a decisão constitui uma “experiência limite”, uma ação sobre si mesmo que bem poderia ser pensada, em termos foucaultianos, como um processo de desubjetivação ou desconstrução de si, que instaura novas formas de relação para consigo e para com os outros. Afinal, tanto para Heidegger quanto para Foucault, essa transformação fundamental de si mesmo não afeta apenas ao homem que se singularizou e se tornou o sujeito do cuidado de si, mas também altera, de modo essencial, a sua própria relação para com os outros. (DUARTE, 2002, p. 60)

Esse ser, constituído com uma base aquém de um plano real pré-estabelecido, viverá de uma maneira diferenciada, de um plano meramente moral, político, e universal. Assim, a denominação “O *Da-sein* [ser-“aí”], em que o homem desdobra seu ser.” (HEIDEGGER, 2012, p.261), evidencia um olhar distante do universal. Esse modo bem peculiar do *Dasein* heideggeriano, se assemelha ao conceito de *epiméleia heautoû*, que Foucault buscou no período clássico filosófico, como sendo: “[...] *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo)” (FOUCAULT, 2010, p. 6), (que iremos discutir na seção da Estética da Existência foucaultiana), mas, em linhas gerais, significa um sujeito que se constitui em aversão a um conjunto de normativas sociais, ganhando, grande similaridade ao *Dasein* de Heidegger, livre de regras sociais.

Já com Nietzsche, na filosofia da genealogia da moral e da verdade, existe um contorno estético (belo), para a filosofia de Foucault, em sentido de sua genealogia do poder e principalmente para a sua estética da existência (domínios aos quais faremos referência mais adiante), mostrando que as regras sempre procuraram estabelecer um sentido restrito ao pensamento do sujeito ao longo da historiografia filosófica analisada por Foucault (2014). Afinal, nos textos foucaultianos, Nietzsche aparece, sem sombra de dúvidas, como aquele em que Foucault apresenta traços estilísticos bem semelhantes.

Assim, no último Foucault, e particularmente acerca do estoicismo, oscilamos incessantemente entre o traçado nítido das rupturas e a insistência nas continuidades. Mas, afinal, Foucault se lembra de Nietzsche: a verdade histórica é sempre questão de perspectiva. (FOUCAULT, 2010, p. 484)

Os traços do pensamento de Nietzsche corroboram para o clímax do fazer filosófico de Foucault, que surge em contraposição ao que foi instituído como verdade, em um sentido extramoral, que faz alusão à quando somos constantemente iludidos em um sentido absoluto de verdade (NIETZSCHE, 2001). Assim, o intelecto é o elemento que internaliza as regras que captamos como forma de verdades a serem digeridas e internalizadas, algo que Foucault também se propõe a buscar e entender na sua arqueologia (FOUCAULT, 2013).

[...] para Nietzsche [...] O intelecto é um órgão fingidor que opera ocultando o fundo trágico da existência, o abismo inexpugnável do mundo: o intelecto ilude, dissimula, forja imagens luminosas, tudo para lançar um véu sobre esse fundo trágico e assim continuar vivendo. (NIETZSCHE, 2001, p. 6)

Essa característica ilusória sobre o que pensamos ser real, embora fingidora, serviu de alicerce para a análises dos discursos dentro do domínio da *Arqueologia do saber* de Foucault, (temática que iremos abordar mais à frente). Desse modo, dentro do contexto filosófico entre Nietzsche e Foucault, a verdade é explorada para dar sentido ao que é realmente importante para o sujeito quando: “O nietzschianismo de Foucault se revela aqui em todo o seu alcance teórico. Se a verdade, como o que queria Nietzsche, é apenas um produto, a função intelectual é agir sobre essa produção.” (ADORNO, 2004, p. 42).

Nessa perspectiva, a análise não para por aí, além de sair em busca de um sentido do que seria a verdade, Foucault também embasa a sua conduta em uma perspectiva

genealógica e moral. Assim, para Nietzsche (2001, p. 8), a verdade tem uma conotação racional:

Este orgulho ligado ao conhecimento e à percepção, névoa que cega o olhar e os sentidos do homem, engana-os sobre o valor da existência, exatamente quando vem acompanhada da avaliação mais lisonjeira possível com relação ao conhecimento. O seu efeito mais comum é a ilusão; mas seus efeitos mais particulares implicam também qualquer coisa da mesma ordem.

Diante o exposto, apresentaremos, a partir de agora, tendo por base às inquietações filosóficas de Michel Foucault, na filosofia de Heidegger e Nietzsche, o percurso do pensamento do filósofo francês, observando passo a passo, dentro dos seus domínios, inquietações da ordem do saber-poder até a constituição do sujeito em contrapartida a um conjunto de regras preestabelecidas.

3. Entre a arqueogenealogia e o cuidado de si: a filosofia de Michel Foucault

A filosofia de Michel Foucault, certamente, traz traços de uma conjectura de ordem do saber ao poder, perpassando por um discurso ético e estético que ocorreu durante toda a origem filosófica até a contemporaneidade (DREYFUS; RABINOW, 1995), ao passo que estabelece um elemento ímpar de significados que requer “[...] em sua individualidade singular um sistema de formação [...] assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de sua prática.” (FOUCAULT, 2013, p. 88).

Esse é o marco inicial da filosofia foucaultiana, a partir do qual acontece uma análise tática dos discursos, para, então, empreender toda sua pesquisa filosófica. O filósofo francês vai buscar desde os primórdios da humanidade, fundamentações, que subsidiem o entendimento de como os sujeitos foram moldados mediante a um processo de normatização que denota as bases dos discursos de ordem do saber-poder (FOUCAULT, 2015). Assim, poderá mostrar, como preâmbulo nessa questão citada, como poderíamos fugir, via de regra, desse processo sistemático de coerção configurado pelos *dispositivos de controle*, aos quais, ressaltam como somos submetidos por um sistema de vigilância sem que ao menos percebamos, que é oriundo do poder (FOUCAULT, 2014).

O filósofo francês, permite que compreendamos que esses dispositivos são uma espécie de estratégia que o poder se utiliza para causar assujeitamentos, isto é, gerar uma ação docilizada da conduta dos corpos, como por exemplo, através de uma ação governamental

(ações que o poder se utiliza para produzir ações desejáveis para um sistema de governo e que iremos discutir na seção da genealogia do poder), sendo uma tática praticamente impossível de ser percebida pelos sujeitos (FOUCAULT, 2017).

É evidente, no pensamento do filósofo francês, uma pretensão de desenvolver um certo cuidado com aquilo que se pensa, isto é, que não tenha propensão em ascender para o campo teórico e buscar um pressuposto fidedigno de uma filosofia adequada, mas sim, em bases sãs, atentar para que o sujeito não se permita adentrar em campo dos *dispositivos* do saber-poder (FOUCAULT, 2010b), deixando-se assujeitar a eles. Portanto, deve sim, alcançar, mediante manobras espirituais, o *epiméleia heautoû* (o cuidado de si), ao qual, só poderá conquistar mediante “[...] um movimento que arranca o sujeito de seu *status* e de sua condução atual [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 16).

Nessa perspectiva, o filósofo francês, cuidadosamente, desenvolveu temporalidades acerca de seu pensamento. Muitos imaginam que existe vários Foucault’s, o que seria uma maneira de interpretar seus momentos filosóficos, quando na verdade, existem domínios foucaultianos (VEIGA-NETO, 2017), ou seja, momentos, dentro da sua vida filosófica, ao qual se dedicara a pesquisar temáticas diferentes, fazendo com que percebamos desde um conjunto de signos que geram uma tentativa de controle dos sujeitos (FOUCAULT, 2013) até um modo de pensar aquém desse sistema normativo (FOUCAULT, 2010).

Com menção ao que foi dito anteriormente, e, retratado principalmente nas obras: *Les mots et les choses* (As palavras e as coisas) de 1966 e *L’archéologie du savoir* (A arqueologia do saber) de 1969, podemos perceber, características explícitas acerca do primeiro domínio foucaultiano, retratando um momento em que se dedica a analisar os saberes, mais especificamente, suas proposições enunciativas e discursivas, fazendo menção a um pressuposto de continuidade histórica, dogmatizada e universal, com o objetivo de buscar bases interpretativas que libertem os sujeitos desse pressuposto de fidelização “[...] libertar-se de todo um jogo de noções que diversificam, cada uma à sua maneira, o tema da continuidade.” (FOUCAULT, 2013, p. 25), é na *Histoire de la folie à l’âge classique* (História da loucura na idade clássica) de 1972, que existe a compreensão do quão é definido como um método rigoroso, estável e preciso, para mencionar, por exemplo, o discurso da ciência enraizado na história do saber.

[...] no âmago desse conflito onde loucura e não-loucura trocam sua linguagem mais primitiva; e a oposição se torna reversível: nesta ausência de ponto fixo, pode ser que a loucura seja razão, e que a consciência da loucura

seja presença secreta, estratagema da própria loucura., sobre uma certa maneira de possuir a conveniência do que seria julgado como certo e errado. (FOUCAULT, 1978, p. 184)

A percepção que Foucault tem da arqueologia, é que o saber está além da noção de entendimento da ciência, da fenomenologia ou até mesmo da psicologia (FOUCAULT, 2013). Essa arqueologia parte de um pressuposto histórico sob um ponto de vista do que é oriundo de certas maneiras esquecidas de se vê-la, isto é, a que não foi contada pelas elites que sempre dominavam os contos através de um conjunto de discursos e enunciados, postulados pelo saber (FOUCAULT, 2013).

Desse modo, a articulação entre esses procedimentos permite perceber um certo anacronismo, já que parece estar em desacordo com a história em si, refutando apenas algumas singularidades e deixando outras obscuras. Essa falta de correlação, permitiu a Foucault, durante suas análises, adentrar a um campo turvo, onde sempre permaneceu a compreensão formidável que as estruturas de poder conseguiram entrelaçar entre os sujeitos (FOUCAULT, 2017), observando uma estreita ligação entre os mecanismos de poder e saber “Diria que *As palavras e as coisas*, sob seu aspecto literário, puramente especulativo, é [...] o balizamento dos mecanismos de poder no interior dos próprios discursos científicos: à qual regra somos obrigados a obedecer [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 221).

O segundo domínio de Foucault, chamado de *Genealogia do poder*, compreendido como um processo formativo do saber, percebido por Foucault como um procedimento arqueológico, num sentido de entender uma formação histórica dos discursos (FOUCAULT, 2013). Tomando por base essa observação, é perceptível o surgimento do conhecimento como meio de compor o entendimento das relações entre os sujeitos, agora, para Foucault, a importância é retomar a sistematização de seu pensamento sobre as sujeições impostas por intermédio a relação saber-poder (FOUCAULT, 2015).

O soldado é, antes de tudo, alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia: e se é verdade que deve aprender aos poucos os ofícios das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal de honra [...] (FOUCAULT, 2014, p. 133)

É nesse contexto, que podemos observar as malhas do poder, que se erguem por meio de um plano doutrinário invisível (FOUCAULT, 2017), sem que ao menos possamos

perceber tal ato, forjando homens encorajados, semelhante ao que Laques entendia por coragem, durante seu diálogo com Sócrates, ao ser interpelado. Para Laques, coragem era estar firme no ato de guerra, não fugir do campo de batalha (FOUCAULT, 2010), é isso que os soldados entendem, não fugir, ir para frente, não desistir. Um ato de coragem ou uma estratégia de poder?

Essa é a busca incessante à qual o filósofo francês se debruça, uma em que fosse permissível a compreensão dos moldes de assujeitamentos que ocorrem dentro das práticas sociais (FOUCAULT, 2015), da antiguidade à modernidade. Para tanto, revela em sua obra *Suveiller et punir* (Vigiar e punir) de 1975, através de um cunho de presunções acerca dos sistemas de vigilância aos quais os sujeitos foram submetidos ao longo da história, como essas práticas rigorosas eram disseminadas, traçando fatos, contextos e entrelaçando o poder como meio para se chegar a essas práticas (FOUCAULT, 2014).

Michel Foucault desdobrou em *Vigiar e Punir* e no seu curso “É Necessário Defender a Sociedade” o processo pelo qual nos séculos XVII e XVIII viram-se surgir técnicas de poder centradas ou articuladas sobre o corpo dos indivíduos. Ele analisa todos esses procedimentos pelos quais se assegurava – nas escolas [...] nos hospitais [...] descreve a organização em torno dos corpos dos indivíduos de todo um campo de visibilidade. (FOUCAULT, 2015, p. IX-X)

Michel Foucault, busca na genealogia da moral de Nietzsche uma clareza para a questão da origem da moral histórica do poder (MACHADO, 2000), sendo ela uma pseudoquestão para o objeto dos fatos reais a serem buscados pelo pesquisador, “[...] a razão de Foucault se vinculava a uma leitura nietzschiana: “retomar o tema da genealogia da moral”, mas seguindo o fim do que Foucault chama de “as tecnologias morais”.” (FOUCAULT, 2015, p. XV). Nesse sentido, Foucault não se deixa enveredar por esse campo politicamente idealizado da pesquisa e parte para um pressuposto da verdadeira origem do poder.

Para Foucault, a pesquisa arqueo-genealógica coloca a pesquisa histórica no centro das estratégias que permitem visualizar práticas e discursos constituídos por redes de poder. A pesquisa histórica, nessa perspectiva, tornaria possível apreender em sua positividade práticas e discursos que nos tornam incapazes de *estranhar* e de nos situarmos em uma perspectiva que chamo aqui de *ético-crítica* em relação ao presente. (BIROLI, 2008, p. 123)

A filosofia foucaultiana, remete a um conjunto de análises periódicas em que as ações governamentais utilizaram o poder para moldar e docilizar os corpos dos sujeitos por meio de *jogos de verdade*, “Uma história que não seria aquela do que poderia haver de

verdadeiro nos conhecimentos; mas uma análise dos “jogos de verdade”, dos jogos entre o verdadeiro e o falso [...] como podendo e devendo ser pensado (FOUCAULT, 1984, p. 7). Essa mecânica de poder, permitiu ao filósofo francês uma percepção ímpar dos ordenamentos governamentais (FOUCAULT, 2015), esse é o objetivo da genealogia, cegar possíveis atitudes de liberdade do sujeito, deixando-o passivo para as normativas do poder, causando assujeitamentos.

Diante essa perspectiva, de corpos docilizados por técnicas do poder, Foucault inicia uma nova inquietação em si mesmo, talvez, proposital, no sentido de mostrar aos sujeitos, como podemos perceber tais dispositivo e fugir, via de regra, de seus movimentos normativos (FOUCAULT, 2010). Assim, fazendo referência a esse processo de constituição de si, lança à luz, o domínio da *Estética da Existência*.

Michel Foucault, realiza no final da década de 1970, um estudo sobre a constituição do sujeito, por meio de práticas de si (FOUCAULT, 2004), entendida como uma maneira que ele encontraria para moldar-se, em contrapartida as regras morais que lhe forem impostas, e tidas como verdades absolutas, de uma maneira bela, ética, diferentemente do cunho sistemático e historicista ao qual traçara anteriormente em relação a sua arqueologia e genealogia “As práticas de si assumem assim a forma da arte de si, relativamente independente de uma legislação moral.” (FOUCAULT, 2010b, p. 244).

Idealiza agora, algo referente ao sentido ontológico do ser moralmente concebido, isto é, mediante a um contexto em que era moldado, tendo seu corpo docilizado pelas ações do poder e de como realmente poderia fugir desses assujeitamentos (FOUCAULT, 2010b), via de regra, por meio de práticas de si, realizando um encontro consigo mesmo, de uma maneira que estivesse ligada à sua própria sexualidade.

Mas, como essa análise do homem de desejo se encontra no ponto de intersecção entre uma arqueologia das problematizações e uma genealogia das práticas de si [...] justificar as formas de "problematização" que considere, indicar o que se pode entender por "prática de si", e explicar através de que paradoxos e dificuldades fui levado a substituir uma história dos sistemas de moral, feita a partir das interdições, por uma história das problematizações éticas, feita a partir das práticas de si. (FOUCAULT, 1984, p. 12)

Dentro desse âmbito, Foucault trabalha a moral em um sentido interpretativo, com base em um olhar ético e estético, servindo de alicerce para a condução da *espiritualidade*, um estado de autodomínio do sujeito consigo mesmo “[...] poderíamos chamar de

“espiritualidade” o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 15), dando um sentido positivo e negativo a essa moral, quando bem e mal concebida (FOUCAULT, 2013).

Nesse contexto, antes de cuidar de si mesmo, é necessário ter um mestre, alguém que exerça o papel de diretor da consciência (FOUCAULT, 2010b). Dessa forma, o mestre passará a atuar em caráter persuasivo, libertário, problematizador, questionador, etc., exercerá um papel multifacetado, com o objetivo de que o discípulo possa se autoinventar.

Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença do mestre. Porém, o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo. Diferentemente do médico ou do pai de família, ele não cuida do corpo nem dos bens. Diferentemente do professor, ele não cuida de ensinar aptidões e capacidades a quem ele guia, não procura ensiná-lo a falar nem a prevalecer sobre os outros, etc. O mestre é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que, no amor que tem pelo seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio. (FOUCAULT, 2010, p. 55)

O papel do mestre é salutar para esse empreendimento que o sujeito tem para angariar o *epiméleia heautoû* (cuidado de si) (FOUCAULT, 2010). Desse modo, poderá compreender os saberes que estiveram obscuros ao longo dos tempos, bem como o poder por trás dessa multifacetada mecânica de dominância, para criar modos de fuga do instituído, por meio da reflexão de si para consigo. É essa a contribuição de Foucault para a filosofia dentro dos seus domínios aqui apresentados, assim como de sua leitura sobre Heidegger e Nietzsche.

4. Considerações finais

É certo que, dentro da filosofia de Michel Foucault, percebemos contribuições significativas para a filosofia contemporânea. Isso é evidente através uma análise austera que o filósofo francês realizou, desde as estruturas de pensamento em ordem do saber (discursos e enunciados) e do poder (dispositivos de controle e assujeitamentos), desde a antiguidade, como fruto da aquisição de conhecimento histórico e dominante, no primeiro caso, bem como das formas de manutenção de sujeições por meio de uma perspectiva coercitiva, no segundo, possibilitando que os observássemos de uma maneira diferente ao instituído e

criássemos linhas de fuga para um cuidado de si (*epiméleia heautoû*), com a ajuda de um mestre, que exerce o papel de diretor da consciência.

É importante ressaltar, a maneira como procedeu nos detalhes, acerca das multifacetadas ações da ordem *saber-poder*, que na maioria das vezes, é coercitivo e invisível, que molda a conduta dos sujeitos. Desse modo, o objetivo era mostrar como a filosofia foucaultiana foi constituída ao longo dos tempos e de como se tornou brilhante, tendo como base, filósofos importantes como Martin Heidegger e de Frederic Nietzsche. Esses, foram essenciais para criar todo o postulado teórico do filósofo francês, por meio de uma análise existencial do ser, com Heidegger e do que seria a verdade para si, com Nietzsche, por exemplo, o que serviria, conseqüentemente, de aporte para um ensino nos seus famosos domínios *Arqueologia do Saber*, *Genealogia do Poder* e da *Estética da Existência*, tendo por base uma ética que propiciasse a constituição do sujeito, envolvendo todos os postulados que envolve premissas do saber, do poder e da constituição de si.

Em suma, a apresentação da filosofia foucaultiana é bem extensa, diversificada em seus sucessivos momentos discursivos, porém instigante e provocadora para seus leitores, o que facilita o processo de compreensão de sua escrita e de seus momentos teóricos. Paul-Michel Foucault, sem dúvidas, deu contribuições significativas para pesquisas filosóficas nas mais diversificadas áreas do saber.

Referências

- ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. Org. Frédéric Gros. Trad. Marcos Marcionilo. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BIROLI, Flávia. História, discurso e poder em Michel Foucault. **Figuras de Foucault**. Org's: Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DUARTE, André de Macedo. Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito autônomo e o sujeito constituído. RAGO. M; ORLANDI. L.B.L; VEIGA-NETO Orgs. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1978.
- _____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. Tecnologias de si (1982). **Verve**, São Paulo, n.6, p.321-60, 2004.
- _____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Trad. Márcio A. Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **Ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. ed. 8. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. **O governo de si e dos outros: curso dado no Collège de France (1982-1983)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013b.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. v. 4, ed. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- _____. **Microfísica do poder**. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, mestre do cuidado**: textos sobre A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. **Comum**, Rio de Janeiro, v.6, n.º. 17, jul/dez, p. 5-23, 2001.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



ALENCAR, Bruno Araújo; SILVA, Heraldo Aparecido. Algumas considerações sobre a filosofia foucaultiana: da arqueologia do saber à estética da existência. *Synesis*, jul. 2020. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1894>.
